



A Teologia de Jesus

Recensão de Vítor Rafael

Novembro de 2021

Foi lançado em setembro de 2021 pelas Edições Universitárias Lusófonas mais um livro da autoria de José Brissos-Lino, "A Teologia de Jesus". Esta obra, aliás com um título bem ousado e original, pretende marcar certamente um novo marco para o início de novas linhas de investigação em torno do pensamento teológico de Jesus. Um dos grandes eruditos de história do Cristianismo, Jaroslav Pelicano, professor emérito de história da Universidade de Yale, escrevia num dos seus livros que *“independentemente do que alguém possa pessoalmente pensar ou acreditar nele, Jesus de Nazaré tem sido a figura dominante na história da cultura ocidental por quase vinte séculos. Se fosse possível, com algum tipo de um poderoso íman, puxar para fora dessa história cada pedaço de metal com pelo menos um vestígio do seu nome, quanto sobraria? É que é desde o seu nascimento que a maioria das pessoas data os seus calendários, que no seu nome milhões amaldiçoam e no seu nome que milhões rezam”*¹. Num universo de pouco mais de dois bilhões de pessoas que se afirmam hoje em dia como sendo cristãs, é também manifesta a grande diversidade de doutrinas e de práticas existentes entre as várias divisões existentes no seio do cristianismo. Mas, ao longo destes dois mil anos, e sabe-

se que o próprio Jesus nada deixou de escrito, foram-se acumulando sucessivas camadas de doutrinas, dogmas e ritos que por vezes foram descaracterizando os principais ensinamentos do mestre. Ainda que Jesus, ao longo do seu curto ministério, não tenha fundado uma escola rabínica à parte das duas principais e existentes no seu tempo, a de Shammai e de Hilel, poderemos apreender muito dos seus ensinamentos e pensamento ao longo das únicas fontes credíveis que temos disponíveis hoje em dia, os quatro evangelhos. Definindo-se teologia como sendo um discurso ou pronunciamento acerca de Deus, o que podemos inferir dos ensinamentos e discursos de Jesus acerca daquilo que ele mesmo pensava do seu próprio pai, como ele assim o referia muitas vezes? Qual era afinal a sua teologia?

Neste primeiro capítulo de um conjunto de oito, “Jesus - A Escrita e a Palavra”, o autor realça a preferência de Jesus pela oralidade. Como já foi afirmado, Jesus não deixou nada escrito e todos os seus ensinamentos e discursos circularam primariamente no formato oral e preservada na memória humana, sendo somente materializados por escrito muitos anos mais tarde, senão décadas após a sua morte². Conforme afirma, e muito bem Brissos-Lino, *“talvez a melhor forma de entender a doutrina de Jesus seja concentrarmo-nos nos seus dizeres, que os evangelhos abundantemente nos apresentam”*. O ensino de Jesus, registado nos evangelhos, assume diversas formas literárias, como as parábolas, provérbios, aforismos, ditos proféticos e apocalípticos, beatitudes, orações, advertências e apotegmas, mas é nos evangelhos sinópticos que prevalece o género parabólico, ao contrário do observado no evangelho de João, onde se encontram os seus longos discursos. Mas essa imensa fonte, como já foi dito, transmitida inicialmente através da tradição oral e essencialmente pelos que conviveram de perto com o Mestre, será posteriormente objeto de trabalho dos evangelistas que a trabalharão à luz das suas próprias teologias, não sendo ainda de estranhar, possíveis redações sucessivas à mesma. A igreja sempre reconheceu nos quatro evangelhos canónicos a extraordinária diversidade desses textos e as várias

maneiras de como essas tradições transmitiram a mensagem de Jesus³, mas isso não impedirá certamente de se poder fazer uma síntese da teologia de Jesus, ainda que cada um dos evangelistas à sua maneira, apresentem dele perspectivas diferentes.

A mensagem de Jesus, como refere e muito bem o autor, é essencialmente de esperança e de proximidade com as franjas da sociedade de então, apontada aos mais desfavorecidos e rejeitados, tanto pelo poder político como religioso. Disso é emblemático o manifesto de Jesus retirado do famoso texto do Ano Jubilar do Trito-Isaías, escrito essencialmente nos inícios do período pós-exílio babilónico, e que o próprio Jesus leu nos inícios do seu ministério e na Sinagoga de Cafarnaum. Entretanto, os recentes estudos acerca da busca do Jesus histórico e que procuram compreender Jesus no seu contexto histórico e cultural do judaísmo do primeiro século, têm tentado insistido que, para melhor entender Jesus e a sua influência numa cultura global, como a greco-romana, é necessário de olhá-lo dentro do contexto do judaísmo que era o seu ambiente natural. Ao longo dos evangelhos, muito do que Jesus fez e disse e praticamente a sua imensa atividade, adapta-o muito bem à atividade rabínica⁴, embora não queira isso dizer que ele tenha sido um verdadeiro rabino, como é referido pelo autor deste livro. N. T. Wright, um dos subscritores desta terceira busca, afirma que o centro da Sua missão e mensagem é a inauguração do Reino de Deus, ou dos Céus na terra, como prefere o evangelho de Mateus. Mas, ainda segundo o mesmo, essa mensagem, embora escatológica, não subscreve o fim do mundo, mas antes o fim de uma era⁵. Se assim o é, a mensagem e ensinamentos de Jesus centrados na proclamação do Reino de Deus, poderão apontar, ao longo dos tempos, para uma renovação de pensamento, chamando e convidando a todos à imitação da compaixão de Deus, não só dentro das nossas fronteiras, como a todos sem exceção. Por isso, como aponta e muito bem o autor, os Evangelhos, fonte primária do repositório das palavras de Jesus, serão *“mais relevantes do que quaisquer outros textos ou palavras que tenham saído diretamente*

da boca do Filho de Deus, mas compostas posteriormente”, convidando-nos a todos a empreender essa jornada de fé ao encontro do verdadeiro Jesus. Da importância desse encontro com as palavras de Jesus, sobressai obviamente o desejo do conhecimento de Deus. Num dos evangelhos mais tardios, os próprios discípulos, mergulhados em plena catequese com o seu Mestre, pedem-lhe que lhes mostre o Seu Pai (João 14:8-10), ao que Jesus responde apresentando-se a si mesmo como sendo a verdadeira e perfeita representação do seu próprio Pai: conheceremos melhor a Deus na proporção do conhecimento que temos de Jesus, a perfeita e completa revelação do Pai, como expresso no prólogo da carta aos Hebreus (1:1-2)⁶. Daí a importância de se focar no ensino e na práxis de Jesus, ainda que esse conhecimento, embora progressivo, seja sempre condicionado à condição humana.

No segundo capítulo, “A Teologia de Jesus”, o autor remarca bem a simbologia da expressão, uma vez que Jesus não era propriamente um teólogo. Como afirma, e muito bem, John P. Mayer e autor de “Um Judeu Marginal - Repensando o Jesus Histórico”, se definirmos Teologia como uma articulação ordenada e sistemática da compreensão da fé de alguém, não se pode falar que exista algo como uma teologia de Jesus, uma vez que o que conhecemos dele através do Novo Testamento, não o identifica como sendo um professor de teologia. Podemos dizer que, mesmo que Jesus não tivesse sido um teólogo sistemático, ele teria partilhado conceitos judeus aceitos do séc. I acerca da pessoa de Deus, os seus atributos, ações, ética e revelação. No entanto, e atendendo à parte da teologia sistemática que estuda a pessoa, doutrina e obra de Jesus - a Cristologia, crê-se que Jesus é o Filho de Deus, igual ao Pai e equiparado ao próprio Deus, como expresso e professado nos primeiros credos cristãos, especialmente na doutrina da Trindade. James Dunn, amplamente reconhecido como um dos maiores estudiosos do Novo Testamento, refere que, ao longo dos evangelhos de Marcos e Mateus, pode-se observar muito da autoexperiência e autoconhecimento que Jesus ia tendo acerca de Deus e da sua

especial relação especial que tinha com o seu Pai⁷. Reconhece-se, no entanto, a dificuldade que muitos têm tido em separar o Jesus histórico do Jesus da fé. Como afirmou, e muito bem o autor deste livro, “*a teologia cristã, porém, tem tudo a ganhar se as suas tarefas de investigação forem desenvolvidas sem bias denominacionais, sem constrangimentos confessionais, em plena liberdade, pois só assim o investigador poderá aprofundar o estado da arte*”. É certo que as primeiras investigações iniciadas nos inícios do séc. XIX e magistralmente analisadas por Albert Schweitzer, espelham bem o esforço da teologia liberal, por vezes fracassado, de encontrar o Jesus autêntico através de uma perspectiva crítica e antidogmática, e de onde surgiram esses imensos “Jesus” criados conforme à imagem dos seus pesquisadores⁸. Já a problemática da existência de quatro evangelhos, referidas neste capítulo, tem vindo a ser debatida desde os primórdios do cristianismo até aos dias de hoje e em especial o problema sinóptico, já que o quarto evangelho e mais tardio, o de João, apresenta poucas semelhanças com os restantes. As diferenças entre os sinópticos, ou seja, entre os três primeiros evangelhos - Mateus, Marcos e Lucas, segundo algumas teorias poderão ser explicáveis pela existência de várias fontes que os evangelistas usaram para construir as suas próprias narrativas e mesmo até pela possível dependência que mantêm entre eles, sendo hoje consensual que o evangelho de Marcos é o mais antigo. O uso dessas variadas fontes não compromete certamente o reconhecimento pela igreja da autoridade e inspiração dos evangelhos, cujos autores, ao escreverem a partir das suas próprias experiências e contextos, utilizando os materiais de origem de que dispunham, quer se tratasse da sua própria memória, relatórios orais, ou de fontes escritas, nos legaram, de certa maneira diferentes imagens de Jesus, dos seus ensinamentos e teologia⁹.

De acordo com o autor, a metodologia de investigação acerca dos *logia* ou discurso de Jesus, é certamente uma tarefa bastante complexa e até não isenta de pressupostos e de riscos. Tendo em conta que o objeto de pesquisa e tratamento dos *ipsis verbis* de Jesus teve como base uma tradução literal no

vernáculo, neste caso o português, importa referir que compreender o texto do grego koiné em que foram escritos os autógrafos nem sempre é tarefa fácil, ainda que os discursos do Mestre tenham sido plausivelmente prenunciados em aramaico¹⁰. Um dos fundadores da disciplina moderna dos Estudos da Tradução Bíblica, já afirmava que *“jamais se poderá comunicar adequadamente numa linguagem aquilo que foi dito originalmente noutra”*¹¹. Mas, mesmo com essas condicionantes, e uma vez que as traduções modernas são feitas através dos melhores originais em grego, podemos ter um elevado grau de confiabilidade no texto traduzido. Posto isto e acerca do objeto de investigação, foram à partida constituídos três grandes áreas, a saber, Doutrina, Ética e Espiritualidade, cada uma delas com as suas próprias categorias e que serão analisadas nos três capítulos seguintes. Desde logo sobressaem duas grandes divisões, a dos discursos e as “frases soltas” de Jesus. Também, como já destacado pelo autor e acerca dos grandes discursos encontrados, por exemplo, no grande Sermão do Monte, capítulos 5-7 do Evangelho de Mateus ou o Discurso do Adeus, capítulos 14-17 do Evangelho de João, estes serão composições dos próprios evangelistas, os quais, deliberadamente estruturaram e ordenaram o seu material, pois é bastante improvável, como indica John Barton na sua obra “Uma História da Bíblia”, que Jesus tenha de facto transmitido os seus ensinamentos pela ordem apresentada em cada um dos evangelhos¹². Por fim, e acerca da importância deste trabalho de classificação dos ditos de Jesus, elaboração das estatísticas e construção dos gráficos associados, o autor ressalva que o objetivo do mesmo é *“ajudar a compreender as grandes ênfases que Jesus de Nazaré terá empreendido no seu discurso, tanto em público como em privado, de modo a definirmos que áreas ou matérias seriam prioritárias e mais valorizadas por ele, assim como de outras que nunca mencionou”*, até porque, passados quase dois milénios e no acumular de tanta teologia, doutrinas e credos pelas diferentes confissões religiosas cristãs, importa retornar de certa maneira às bases, àquilo que Jesus fez e ensinou.

Conforme referido pelo autor no início do quarto capítulo, “A Doutrina de Jesus”, Jesus terá passado grande parte do seu ministério a ensinar e, de facto, quase todos os estudiosos do Novo Testamento têm vindo a reconhecer Jesus como um grande mestre e pedagogo. Flávio Josefo, historiador e apologista judaico-romano do primeiro século, nas suas Antiquidades descreve a impressão generalizada entre os seus contemporâneos que consideravam Jesus como um "homem sábio (σοφὸς ἀνὴρ)" e "mestre (διδάσκαλος)" (Ant. 18:63). Também tem sido historicamente registado que Jesus foi tratado como um “Rabi” (mestre em hebraico) pelos seus seguidores e até pelos que não estavam tão próximo dele (Marcos 9:5; Mateus 26:25, 49; João 1:38 etc.)¹³. Nesta última fase das investigações sobre o Jesus histórico, Ben Witherington III, ao estudar as palavras de Jesus, aforismos e parábolas, sugere que ele seria visto pelos seus contemporâneos como um sábio, e especificamente um sábio com o carácter de um profeta, que *"expressou suas convicções escatológicas em formas adequadas à Sabedoria"*, e isto, porque considerando algumas das palavras de Jesus (como Mateus 11,25-27; 11,28-30) vê nelas refletida a tese de que ele se apresentou a si mesmo como sendo a personificação da Sabedoria¹⁴. Também no evangelho de Mateus, na sua introdução aos grandes discursos de Jesus do Sermão da Montanha, se assinala que *“Jesus andou por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas deles e anunciando a boa-nova do reino e curando todas as doenças e todas as enfermidades do povo”* (Mateus 4:23). Acerca do pensamento doutrinário de Jesus, se é que podemos sistematizar os seus pensamentos, teremos certamente de fazer diferenciação entre o Jesus apresentado nos evangelhos sinóticos e o de João. Desde já podemos verificar nos sinóticos a centralidade do querigma do Reino (*Basileia Theou*) nos discursos de Jesus¹⁵, enquanto em João, com uma Cristologia bastante mais avançada¹⁶, Jesus se nos apresenta como preexistente, divino, identificando-se como sendo o Verbo e igual ao Pai. No entanto, os evangelhos ainda estão muito longe das formulações Cristológicas dos credos conciliares do primeiro milénio. Mas quem era Jesus de Nazaré? Podemos afirmar que hoje,

graças a quase dois mil anos de tradição cristã, temos conseguido compreender algumas das ideias formadas acerca do que significa quando lemos que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, Senhor, e Salvador, mas estes termos para os primeiros discípulos de Jesus não eram assim tão uniformes e imediatos¹⁷. A questão dos milagres de Jesus tem sido muito debatida desde a teologia liberal do séc. XIX até à neo-ortodoxia de Rudolf Bultmann, tendo este último questionado a ocorrência dos mesmos¹⁸. Recorrendo de novo ao *Testimonium Flavianum*, Flávio Josefo regista que Jesus realizava “obras maravilhosas”¹⁹ De certa forma, ao proclamar o Reino de Deus, não só no sentido escatológico, mas também no aqui e agora, o próprio Jesus entendia que os milagres que operava eram um sinal de que ele era, conforme o relato de Mateus 11:4-6, o Messias esperado. Nos ensinamentos de Jesus que têm a ver com a Soteriologia e Escatologia, existe ainda uma discussão entre os académicos no sentido de apurar se a salvação que ele proclamava, primariamente aos Judeus e depois aos gentios, se consumava ou não num futuro próximo. É certo que no evangelho de Mateus, Jesus no início do seu ministério convida à metanoia, ou seja, à mudança de pensamento por ter chegado o Reino dos Céus (Mateus 4:17). António Parola comenta magistralmente que *“El reino de Dios está ya aquí, pero solo como una “semilla” que se está sembrando en el mundo; un día se podrá recoger la “cosecha” final. El reino de Dios está irrumpiendo en la vida como una porción de “levadura”; Dios hará que un día esa levadura lo transforme todo. La fuerza salvadora de Dios está ya actuando secretamente en el mundo, pero es todavía como un “tesoro escondido” que muchos no logran descubrir; un día todos lo podrán disfrutar. Jesús no duda de este final bueno y liberador. A pesar de todas las resistencias y fracasos que se puedan producir, Dios hará realidad esa utopía tan vieja como el corazón humano: la desaparición del mal, de la injusticia y de la muerte”*²⁰. Das restantes categorias de que trata muito bem o autor, Missiologia, Providência Divina, Demonologia e Soberania de Deus, Eclesiologia, Pneumatologia, Ressurreição e Ordenanças, colocaria aqui alguns apontamentos acerca da Eclesiologia. Jesus, conforme referido pelo autor, não

ensinou nada acerca da igreja como instituição. O termo “ekklesia” aparece apenas duas vezes no Evangelho de Mateus, mas o significado deste termo aqui usado por Jesus aqui não deverá significar mais do que uma comunidade de discípulos que se reúnem juntos, não propriamente uma instituição já formada, pelo menos como a entendemos hoje²¹. A instituição em si, já com padrões de estrutura hierárquica, só deverá tomar forma a partir do segundo século, aquando do surgimento da “Grande Igreja”, sendo mais do que evidente que sem a instituição, muito plausivelmente o cristianismo não teria sobrevivido. A par das inúmeras “heresias” que vão surgindo, será por essa altura que começou a emergir a constituição da ortodoxia que afirmava os princípios centrais das regras de fé cristã formuladas e aceites pela maioria das comunidades cristãs existentes²².

O autor, no capítulo quinto deste livro “A Ética de Jesus”, abre com a seguinte frase “*Consideremos a ética de Jesus como o estilo de vida proposto pelo evangelho e que surge apresentado de forma tão clara e eloquente no Sermão do Monte*”. De facto, o Sermão do Monte, registado no evangelho de Mateus (cap.5-7) e o Sermão da Planície, no evangelho de Lucas (6:17-49), espelham, à partida, grande parte da ética de Jesus. Mas antes de quaisquer considerações, podemos desde já colocar uma questão: que relação existe entre a vida que Jesus viveu e a que os cristãos devem viver nos dias de hoje? Será Jesus o modelo definitivo do ser humano, conforme questionado por Samuel Wells em “Introducing Christian Ethics”, de tal forma que o deva ser para a nossa ética? e se sim, em que aspeto? Será ele o modelo humano, ilustrativo de todos os valores humanos que devemos procurar alcançar²³. No contexto contemporâneo onde, nestas sociedades capitalistas e altamente concorrenciais, se promove por vezes ao extremo os valores do liberalismo, individualismo e empreendedorismo, a ética de Jesus ou a do Reino de Deus, pode parecer contraproducente, uma vez que subverte essa ética darwinista económica dos dias de hoje e onde só sobrevivem os mais fortes e os mais bem preparados em mercados altamente concorrenciais. O

autor do livro indica os seguintes temas: o Perdão, onde Jesus manda perdoar aos nossos inimigos, incentivando mesmo ao perdão infinito; a condenação da Hipocrisia, ou seja, a recusa de aplicar a nós mesmos os mesmos valores que se aplicam a outros; a Diaconia ou o serviço ao próximo, especialmente aos menos desfavorecidos; a renúncia de falsos valores como a Riqueza, a procura de estatuto e poder; e, finalmente, o tema da Liderança, onde Jesus inverte totalmente a ordem vigente, substituindo o poder pelo serviço. Todos estes ensinamentos e valores de Jesus apontam para essa nova dimensão e realidade tão cara à sua vida e mensagem, o Reino de Deus e pelo qual haveria de perder a vida em defesa dos mesmos. Para Jesus, a evidência da chegada do Reino de Deus estava à sua volta, e até Orígenes notou que o Reino de Deus estava tão intimamente ligado a Jesus, que o chamou de “*autobasileia*”: o Reino é o próprio Jesus em pessoa.²⁴ Nessa perspectiva, a ética de Jesus será tão-somente possível e cumprida nele e através dele na vida dos que o seguem.

Podemos desde já observar que, através dos seus discursos, Jesus não nos diz muito acerca da sua própria espiritualidade. Neste sexto capítulo do livro da “Teologia de Jesus”, o autor tenta, através de algumas categorias teológicas previamente estabelecidas, captar parte dessa espiritualidade que estará por detrás das ações e ensinamentos de Jesus. Qual seria então o segredo da extraordinária vida de Jesus? O que tinha ele de tão memorável? O que o tornou tão profundamente amado e admirado por alguns e odiado por outros? Nas nossas culturas pós-modernistas, com a nossa ciência e tecnologia, o nosso individualismo e globalização, muitas pessoas hoje em dia têm sérias dificuldades com essa ideia de um Deus pessoal e relacionável, algo que para Jesus algo perfeitamente natural e essencial²⁵. Mas, conforme já afirmava Agostinho nas suas Confissões “*Fixeste-nos para Ti e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti*”²⁶, esse anseio universal do homem pelo transcendente é e será sempre algo intrínseco à natureza humana. Nunca como nos dias de hoje, será tão pertinente falar acerca da espiritualidade de Jesus, onde se tem

verificado um crescente interesse pela espiritualidade, especialmente para essas novas gerações cada vez mais alienadas do discurso religioso²⁷. Percorrendo todas as categorias abordadas, o Discipulado, Fé, Misericórdia/Compaixão, Confiança, Oração, Arrependimento e Obediência, podemos afirmar que todas elas decorrem obviamente de uma profunda ligação entre o próprio Jesus e o Seu Pai, e especialmente duma prática contínua de oração, tendo o mesmo ensinado a orar sem cessar. (Marcos 1:35, Lucas 5:16, Lucas 6:12, Lucas 18: 1, Lucas 22:44). Merece aqui um apontamento a destacar a extraordinária análise que o autor faz acerca do discipulado. É um facto que não tendo Jesus ensinado praticamente algo acerca da igreja, o mesmo dá enormemente importância ao discipulado. Contrariamente ao proselitismo, ou seja, ao esforço efetuado por alguém para converter pessoas a uma determinada religião, ser um “*talmid*”, um estudante ou um discípulo nos tempos de Jesus implicava seguir determinado mestre, imitando-o e seguindo-o em tudo²⁸. Jesus pretende assim, conforme ensinava acerca do Reino de Deus através de alegorias, por exemplo, a do grão de mostarda (Marcos 4:30-32), um movimento de discípulos, em tudo seguidores e imitadores de si próprio, os quais, através do seu exemplo de vida, revelariam cada vez mais o Reino do seu Pai.

No capítulo sétimo, em jeito de sumário, o autor discorre acerca dos equilíbrios necessários em matéria doutrinária contra certos exageros hermenêuticos praticados por muitas das instituições religiosas na atualidade. Afinal, como e muito bem afirma o autor, “*a verdade, por muito crua ou pertinente que seja, não pode extinguir o amor que devemos uns aos outros*”. Grosso modo, pode-se afirmar que em matéria de doutrina, não há perigo maior ou mais subtil do que enfatizar em demasia determinadas declarações das Escrituras. Jesus, numa das suas frases mais revolucionárias e a despeito de certas leis mosaicas, enfatizava sempre a primazia da misericórdia sobre estas: “*O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado*” (Marcos 2.27); “*Se tivésseis sabido o que é quero misericórdia em vez de sacrifício, não teríeis condenado os inocentes.*” (Mateus 12:7). O

próprio apóstolo Paulo na sua epístola aos Romanos deixa igualmente a seguinte observância “*A ninguém nada deveis, a não ser o amar-vos uns aos outros. Pois quem ama o próximo cumpre plenamente a lei.*” (Romanos 13:8). Por isso mesmo, o amor deve em tudo prevalecer na nossa práxis, tal como Agostinho recomendava na sua célebre frase “*Dilige et quod vis fac*”, ou seja, ama e faz o que quiseres. Conforme aponta o autor, muitas das inúmeras bandeiras teológicas e doutrinárias levantadas nestes últimos tempos passam efetivamente ao lado do ensino e discurso do Mestre. A ética sexual tem sido talvez um dos pontos mais debatidos nestes últimos tempos. Questões como a homossexualidade, a prostituição, o sexo pré-matrimonial, os métodos contraceptivos, o aborto e o divórcio, a todos estes temas Jesus dá pouca ou nenhuma relevância, não querendo com isso dizer que os aprovasse. Noutras questões que têm a ver com a Eclesiologia e Liturgia, Jesus também não deixou quaisquer instruções acerca de modelos de organização da igreja e até do ofício religioso. Podemos, no entanto, observar no livro dos Atos dos Apóstolos que o evangelista Lucas dá uma ênfase especial ao notável grau de comunhão e partilha que marcou o movimento inicial de Jesus. Dedicavam-se à comunhão e ao partir do pão, abriam as suas casas uns aos outros, comiam juntos e contribuíram com dinheiro e bens para os apóstolos distribuírem entre os mais necessitados²⁹.

Finalmente, no último capítulo e citando o autor, “*ao ensaiar um simples exercício de confronto entre as matérias fundamentais observadas no discurso do Mestre Jesus e as ênfases utilizadas atualmente como bandeiras doutrinárias por alguns círculos cristãos, é por demais evidente que dificilmente se conjugam*”. Das conclusões a que se chegou, será o facto de nos discursos e frases soltas de Jesus, as questões morais não terem muita relevância, a não ser, como observa o autor, as de carácter (a pureza e a hipocrisia). Tendo em conta que Jesus manteve silêncio acerca das imensas questões éticas e morais com que nos confrontamos nos dias de hoje, necessitaríamos, conforme aponta Andrew Fiala, de muita humildade para perceber que nenhum ser humano tem todas as respostas para todas essas

questões³⁰. Além das grandes virtudes como a misericórdia, o perdão e o amor, a tolerância é certamente uma virtude chave para Jesus, e nós, os cristãos, deveríamos sempre recordar-nos acerca da relevância destas virtudes. Afinal como afirma, e muito bem o autor, “*A ênfase mais visível, se assim podemos dizer, é de pendor espiritual e centra-se essencialmente no estilo de vida (fé, perdão, diaconia, riqueza e pobreza), mas também na prática da caridade ou solidariedade cristã (misericórdia/compaixão)*”. Necessitaríamos de nos libertar de quase dois mil anos da muita dogmática, doutrinas e ortodoxia que em muito obscurecem ou confundem a mensagem e ação de Jesus: “*seria não apenas desejável, mas urgente voltar às bases. Voltar à pureza do evangelho de Jesus Cristo naquilo que é a sua essência e a uma vivência genuinamente cristã. Precisamos, sobretudo, duma teologia que escuta*”, afirma o autor. Jesus, tal como no início, afinal andará por aí, caminhando sobretudo nas margens da nossa sociedade, junto dos mais fracos, desfavorecidos e marginalizados, falando acerca do Reino. Seria essa a elementar e simples teologia de Jesus a que deveríamos almejar. Esta obra é certamente um dos mais importantes trabalhos feitos até ao momento, fornecendo assim aos alunos, investigadores e demais interessados em Teologia uma ferramenta imprescindível para estudos mais aprofundados acerca da teologia de Jesus.

¹ PELIKAN, Jaroslav. Jesus through the Centuries: His Place in the History of Culture. Yale University Press, 1999. p.1

² MCIVER, Robert K. Memory, Jesus, and the Synoptic Gospels, Society of Biblical Literature, 2011. p.184

³ FOWL, Stephen E. The gospels and 'The historical Jesus', The Cambridge Companion to the Gospels, Cambridge University Press, 2007. p.76

⁴ EVANS, Craig et al. The Missing Jesus, Rabbinic Judaism and the New Testament. Brill, 2003. p.27

⁵ WITHERINGTON, Ben. The Jesus Quest. The Third Search for the Jew of Nazareth, IVP Academic, 1997. p.197

⁶ COLLINS, Gerald. Rethinking Fundamental Theology, Toward a New Fundamental Theology. Oxford University Press, 2011. p.75

⁷ DUNN, James D. G. Jesus and the Spirit: A Study of the Religious and Charismatic Experience of Jesus and the First Christians as Reflected in the New Testament. Wm. B. Eerdmans Publishing, 1997. p.41.

⁸ SCHWEITZER, Albert. The Quest of the Historical Jesus, Cornerstone Book Publishers, 2014, p.398

⁹ STRAUSS, Mark L. Four Portraits, One Jesus: A Survey of Jesus and the Gospels. Zondervan Academic, 2007. p.61

¹⁰ PAGOLA, José Antonio. Jesús, Aproximación Histórica, P.P.C., 2013. pp 339

¹¹ NIDA, Eugene A. Toward a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating. E. J. Brill, 1964, p.3

- ¹² BARTON, John. Uma história da Bíblia, Temas e Debates, 2019, pp.229
- ¹³ RIESNER, Rainer. From the Messianic Teacher to the Gospels of Jesus Christ. Handbook for the Study of the Historical Jesus. Brill, 2011. pp 414
- ¹⁴ WITHERINGTON, Ben. Jesus the Sage. The Pilgrimage of Wisdom, T&T Clark. Edinburgh 1994, pp. 436
- ¹⁵ MEIER, John P. A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus, Vol. 2 - Mentor, Message, and Miracles. Yale University Press, 1994. Introd.
- ¹⁶ KEENER, Craig S. John P. The Gospel of John A Commentary. Baker Academic, 2010, pp. 202
- ¹⁷ GRINDHEIM, Sigurd. Christology in the Synoptic Gospels. God or God's Servant? T&T Clark International, 2012. Introd.
- ¹⁸ MCGRATH, Alister E. Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought. Wiley-Blackwell, 2012. pp 235
- ¹⁹ JOSEPHUS, Flavius. The Genuine Works of Flavius Josephus: Translated by William Whiston, Containing Five Books of The Antiquities of the Jews. HardPress, 2017. (18.3.3 §63-64)
- ²⁰ PAGOLA, José Antonio. Jesús, Aproximación Histórica, P.P.C., 2013. pp 77
- ²¹ WITHERINGTON, Ben. Matthew: Smyth & Helwys Bible Commentary, Smyth & Helwys Pub, 2006, pp 315
- ²² KRUGER, Michael J. Christianity at the Crossroads: How the Second Century Shaped the Future of the Church. IVP Academic, 2018, pp 155
- ²³ WELLS, Samuel. Introducing Christian Ethics. Wiley-Blackwell, 2017. pp 16
- ²⁴ BIRD, Michael F. Evangelical theology: A Biblical and systematic introduction. Grand Rapids, Zondervan, 2013 § 3.1
- ²⁵ NOLAN, Albert. Jesus Today, A Spirituality of Radical Freedom. Orbis Books, 2006, pp 48
- ²⁶ SANTO AGOSTINHO. Confissões Santo Agostinho, Coleção Patrística 10, Editora Paulus. pp 21
- ²⁷ PEW RESEARCH CENTER. More Americans now say they're spiritual but not religious. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/09/06/more-americans-now-say-theyre-spiritual-but-not-religious/>, acedido em novembro de 2021.
- ²⁸ KÖSTENBERGER, Andreas J. Jesus as Rabbi in the Fourth Gospel. Bulletin for Biblical Research 8: 97–128. Disponível em: https://biblicalstudies.org.uk/pdf/bbr/rabbi_kostenberger.pdf, acedido em novembro de 2021.
- ²⁹ BOCKMUEHL, Markus. Vision for the Church: Studies in Early Christian Ecclesiology. T&T Clark, 1997, pp.52
- ³⁰ FIALA, Andrew. What Would Jesus Really Do? The Power & Limits of Jesus' Moral Teachings. Rowman & Littlefield Publishers, 2007, pp xv